



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE MEDICINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESPECIALIZAÇÃO EM ACESSIBILIDADE CULTURAL



CLAUDIA REINOSO ARAUJO DE CARVALHO

**ACESSIBILIDADE CULTURAL NO CONTEXTO DA PESSOA IDOSA.
O CASO DO MUSEU DA GEODIVERSIDADE DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO**

Rio de Janeiro

2016

Claudia Reinoso Araujo de Carvalho

ACESSIBILIDADE CULTURAL NO CONTEXTO DA PESSOA IDOSA.
O CASO DO MUSEU DA GEODIVERSIDADE DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

Orientadora: Patrícia Silva Dorneles

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
do Rio de Janeiro, como parte dos
requisitos necessários à obtenção do
grau de Especialista em
Acessibilidade Cultural.

Rio de Janeiro

2016

AGRADECIMENTOS

À querida Patrícia Dorneles.

À Carolina Rebellato por aceitar compor a banca.

Aos colegas da II Turma do Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural, pelo agradável convívio.

Às alunas bolsistas do projeto de extensão e às terapeutas ocupacionais Mariana Mello e Fernanda Garcia, pela ajuda com a visita dos idosos ao Museu.

À equipe do Museu da Geodiversidade.

Especialmente aos idosos do projeto de extensão que coordeno.

RESUMO

O envelhecimento populacional é um fenômeno global. No Brasil a população idosa que era de cerca de 14 milhões no ano 2000 passou para, aproximadamente, 24 milhões em 2014. Essa mudança brusca na pirâmide populacional brasileira trouxe desafios nas esferas social, cultural, de lazer e de saúde. É necessário que o envelhecimento seja abordado em diferentes pesquisas, contemplando não somente as doenças comuns aos idosos, mas também os aspectos sociais que envolvem esta população. Este trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural, construído em consonância com a tendência de expansão do escopo de atuação da Terapia Ocupacional e pautado nas atuais políticas públicas dirigidas à população idosa, teve por objetivo analisar a acessibilidade no Museu da Geodiversidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro no que se refere à pessoa idosa. O estudo de abordagem qualitativa incluiu a aplicação de questionários e a realização de entrevistas com idosos, alunos bolsistas, residentes em Acessibilidade Cultural e a equipe de mediadores do museu. Além da descrição da visita, foram discutidas as percepções das alunas bolsistas, das residentes e da equipe de mediadores do museu acerca da temática. Ficou constado com a pesquisa que os terapeutas ocupacionais têm a contribuir com a acessibilidade do museu visando seu melhor acolhimento ao público idoso. Esta contribuição se deu em torno de três aspectos principais: adequação do ambiente do museu, orientação à equipe de mediadores e intervenções com os próprios idosos no momento da visita.

Palavras chaves: Idosos, acessibilidade, museus, Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

Population aging is a global phenomenon. In Brazil, the elderly population was about 14 million in 2000 increased to approximately 24 million in 2014. Such a sharp change in the Brazilian population pyramid has brought challenges in the social, cultural spheres, leisure and health. It is necessary that aging is addressed in different studies, not only contemplating the common diseases of the elderly, but also social aspects involving this population. The working end of the Cultural Accessibility Specialization Course , built in line with the trend of expanding the scope of action of occupational therapy and guided on current public policies aimed at the elderly , aimed to analyze the accessibility in the University Museum of Geodiversity Federal of Rio de Janeiro as regards the Elder. The qualitative study included questionnaires and interviews with elderly , scholarship students , residents Cultural accessibility and museum mediators team. In addition to the visit description, the perceptions of scholarship students were discussed , the residents and staff of the museum mediators on the theme. In addition to the visit description, the perceptions of scholarship students were discussed , the residents and staff of the museum mediators on the theme. It was featured in with the research that occupational therapists have to contribute to the accessibility of the museum aimed at its best host for the elderly public. This contribution took around three main aspects: adequacy of the museum environment , guidance staff mediators and interventions with older people themselves at the time of visit.

Key words : Elderly , accessibility, museums, Occupational Therapy

Sumário

INTRODUÇÃO.....	7
O Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural	13
Objetivos.....	14
Objetivo geral	14
Objetivos específicos.....	14
OS IDOSOS SOCIALMENTE VULNERÁVEIS PARTICIPANTES DE PROJETO DE EXTENSÃO DO CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFRJ.....	15
O projeto de extensão “A Terapia Ocupacional no atendimento a idosos em situação de vulnerabilidade social”.	15
Perfil sociodemográfico dos idosos do projeto de extensão	16
CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	20
IDOSOS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL EM VISITA AO MUSEU DA GEODIVERSIDADE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	22
Experiências prévias dos idosos em equipamentos culturais, incluindo museus.	22
O museu da Geodiversidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A exposição “Memórias da Terra”	25
A visita ao Museu da Geodiversidade.....	26
A visita na perspectiva da equipe de educação do Museu da Geodiversidade	35
A visita na perspectiva das bolsistas do projeto e das residentes em Acessibilidade Cultural.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

INTRODUÇÃO

Os idosos representam, hoje, um contingente de importância no conjunto da população brasileira. Considerando a mudança do perfil demográfico no Brasil, o aumento da proporção de idosos já é notado nos espaços públicos e nas famílias. A visibilidade deste segmento populacional está avançando rapidamente nos mais diferentes espaços sociais.

No Brasil a população idosa, ou seja, com mais de 60 anos de idade, que era de cerca de 14 milhões no ano 2000 passou para, aproximadamente, 24 milhões em 2014 (ERVARTTI ET AL, 2015). Esta mudança brusca na pirâmide populacional brasileira trouxe desafios em diversas esferas da sociedade, como econômica, social, cultural, de lazer e saúde (VERAS, 2009).

O envelhecimento foi tradicionalmente associado à aposentadoria, doença e dependência. As políticas e programas vinculados a este paradigma ultrapassado não refletem a realidade, pois, na verdade, a maioria das pessoas permanece independente na idade mais avançada (OMS/OPAS, 2005, p.44).

É necessário que o envelhecimento seja abordado em diferentes pesquisas, contemplando não somente as doenças comuns aos idosos, mas também os aspectos sociais e as políticas públicas que envolvem esta população.

No que concerne a Gerontologia, a Organização Mundial da Saúde adotou como orientador das políticas públicas no âmbito mundial o “envelhecimento ativo”, definido como “processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas, visando a superação da visão tradicional de associar o envelhecimento a doenças e dependência” (OMS/OPAS, 2005, p.13). De acordo com o documento, a palavra “ativo” refere-se à participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho (OMS/OPAS, 2005).

A abordagem do “envelhecimento ativo” preconizada pela OMS para o desenvolvimento de políticas e programas direcionados aos idosos nos diferentes países visa, entre outros aspectos, que na medida em que os países

apoiarem a ideia em suas políticas públicas teremos no mundo mais indivíduos idosos participando ativamente nos aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da sociedade, na vida doméstica, familiar e comunitária. Nesta perspectiva envelhecer faz parte de uma construção coletiva e o envelhecimento ativo deve ser facilitado pelas políticas públicas e pelo aumento de iniciativas sociais e de saúde ao longo do curso de vida, com base na participação contínua dos cidadãos na sociedade.

A legislação brasileira coerente com as conferências e acordos mundiais na temática, reforça a necessidade de ampliação das pesquisas em Gerontologia, visando, sobretudo, qualificar a formação técnica-científica para atender as necessidades desse segmento etário (BRASIL, 2006; BRASIL, 2003; OMS/OPAS, 2005).

No Brasil, as políticas públicas mais abrangentes acerca do envelhecimento: a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSPI) e o Estatuto do Idoso fazem referência à importância do acesso a cultura (BRASIL, 2006; BRASIL, 2003).

A Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa vigente em nosso país desde 2006, traz em seu texto a ideia de que o cidadão idoso não é mais visto como passivo, mas sim como agente das ações a eles direcionadas, numa abordagem baseada em direitos, que valoriza os aspectos da vida em comunidade, identificando o potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida. No que se refere ao item 3.1. “Promoção do Envelhecimento Ativo e Saudável” (BRASIL, 2006, P.7), esta preconiza, entre outros aspectos, que facilitar a participação das pessoas idosas em equipamentos sociais deve ser um esforço intersetorial.

O Estatuto do Idoso destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 no Brasil, reúne em peça jurídica única legislação abrangente versando sobre garantias a esta população nos diferentes setores, entre eles: saúde, transporte, habitação e também sobre educação e cultura. O Estatuto versa especificamente sobre a cultura em seus artigos 20 e 23. O artigo 20 diz que “o idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade” (BRASIL, 2003, P.17). O artigo 23 garante a participação dos idosos em atividades culturais e de lazer mediante descontos

de pelo menos 50% (cinquenta por cento) nos ingressos para eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer, bem como o acesso preferencial aos respectivos locais (BRASIL, 2003, P.18).

Por outro lado, as atuais políticas públicas de cultura no Brasil são fortemente perpassadas pela Diversidade Cultural. Essa diversidade se manifesta em nossa sociedade não apenas em relação às diferentes etnias e povos que nos constituem – indígenas, afrodescendentes, europeus, ciganos e outros, como também pode ser entendida nos diversos extratos sociais e etários. O Plano Nacional de Cultura (2010) é um conjunto de princípios, objetivos, diretrizes, estratégias e metas que devem orientar o poder público na formulação de políticas culturais, com o objetivo de orientar o desenvolvimento de programas, projetos e ações culturais que garantam a valorização, o reconhecimento, a promoção e a preservação da diversidade cultural existente no Brasil. O Ministério da Cultura (MinC) estabeleceu neste plano 53 metas a serem alcançadas até o ano de 2020. Embora os idosos não tenham destaque explícito no texto, estes estão contemplados por meio de sua meta 29 que preconiza que as bibliotecas públicas, museus, cinemas, teatros, arquivos públicos e centros culturais atendam aos requisitos legais de acessibilidade para deficientes e pessoas com mobilidade reduzida, esta última é uma condição de parte dos idosos. Já a meta 28 prevê aumento em 60% do número de pessoas que frequentam museu, centros culturais, cinemas, espetáculos de teatro, circo, dança e música. Os idosos como parcela de importância crescente no conjunto da população brasileira podem contribuir com esta meta na medida em que sejam incentivados a participarem mais da vida cultural das cidades. Neste sentido é necessário identificar as oportunidades que lhe são dadas, como se sentem em tais espaços e que possíveis fatores dificultam o acesso desta população a estes dispositivos culturais.

As diferentes políticas, apesar de importantes, não são suficientes para garantir automaticamente o usufruto do direito, mas seu reconhecimento formal através da sua conversão em direito positivo é importante porque dá legitimidade e legalidade aos pleitos de diversas naturezas.

Segundo Marcellino (1996, p.44) pesquisas realizadas, tanto na Europa, quanto nos Estados Unidos concluem que os idosos são, comparativamente às pessoas de outras faixas etárias, os que menos frequentam equipamentos de

lazer, ou participam de atividades culturais. No Brasil há ausência de estudos semelhantes.

Buscar soluções necessárias para uma cultura democrática e inclusiva envolve além da abordagem adequada as necessidades de todas as pessoas, a acessibilidade física e atitudinal. A acessibilidade física, a mais conhecida, envolve a retirada das barreiras ambientais físicas, nos espaços e equipamentos urbanos, nos meios de transporte individual ou coletivo. A acessibilidade atitudinal, se refere à abordagem livre de preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações (FREITAS, 2014). No que se refere ao idoso alguns fatores ligados a estes aspectos parecem não suficientemente compreendidos, o que pode explicar a pouca participação deste público em muitos dispositivos culturais. Nem sempre os lugares dispõem de instalações apropriadas, de poltronas para descanso, as informações e identificações muitas vezes são divulgadas em letras pequenas e as abordagens “infantilizantes” em relação ao idoso não são raras de acontecer. É preciso conhecer na perspectiva dos próprios idosos que fatores os distanciam da participação social plena e os afastam da vida cultural.

Outro fator limitante é o relacionado à falta de espaços específicos e equipamentos para o lazer, parece haver uma tendência à privatização, a qual os espaços, inclusive as áreas verdes tornaram-se produtos do mercado, "Quem não pode pagar pelo estádio, pela piscina, pela montanha, pelo ar puro, pela água, fica excluído do gozo destes bens que deveriam ser públicos porque são essenciais". (SANTOS, 1995 apud MARCELLINO, 1996, p.32). Atrelado a isso, a localização destes espaços nem sempre são de fácil acesso aos idosos, tendo algum deles muita dificuldade de locomoção, além da falta de informação em relação a esses espaços e aos equipamentos de lazer.

Chiovatto e Aidar (2015) apontam que os direitos culturais, diferentemente dos direitos sociais, ainda são pouco conhecidos e praticados, tais como: “direito à identidade e à diversidade cultural (ou direito ao patrimônio cultural); direito à participação na vida cultural, que compreende: direito à livre criação; direito ao livre acesso; direito à livre difusão; direito à livre participação nas decisões de política cultural; direito autoral; direito ao intercâmbio cultural” (BRASIL, 2010 P.19). Os direitos culturais são pouco conhecidos no Brasil não só pelos idosos como também pela população em geral.

As barreiras de acesso levam grande parte das pessoas idosas a não terem ingresso nos equipamentos culturais, desconhecendo, assim, a importância e os benefícios oferecidos pelos mesmos. Abrir possibilidades de acesso é fundamental, considerando-se que, só através das experiências culturais, o idoso poderá aprender a gostar das mesmas. Desta forma se faz necessário minimizar tais barreiras de alcance à fruição cultural, buscando a participação de todas as camadas da sociedade, independentemente das idades. Para a concretização destas aspirações é preciso anteriormente conhecer a percepção dos próprios idosos acerca de tais aspectos.

A ideia de consumo cultural, participação cultural são alguns conceitos referenciais para esta proposta e são aqui abordados brevemente visando sua melhor contextualização.

De acordo com Behamou (2007) consumo cultural é o conjunto de processos de recepção, apropriação e uso de produtos culturais, isto é, bens e serviços nos quais o valor simbólico prevalece sobre os valores de uso e de troca. Segundo o autor, o valor de uso é a utilidade atribuída pelo público ao produto cultural, abrangendo diversas funções como a ocupação do tempo livre (ir ao cinema), aquisição de conhecimento (leitura de um livro ou ir ao teatro), sensação de prazer (ouvir música) ou decoração de um ambiente (expor uma escultura ou pintura), entre outras. Já o valor simbólico é o conjunto de significados (estéticos, morais, espirituais, religiosos, transcendentais), que o público associa ao produto ou evento. Esses significados têm origem na cultura, ou seja, são compartilhados pelas pessoas que têm a mesma identidade cultural. Também se originam na interação social, isto é, são construídos socialmente, quando as pessoas se utilizam dos produtos-símbolo para se auto-expressarem e se comunicarem com os outros.

Walker, Scott-Melnik, Sherwood (2002) referem que os indivíduos, para participarem de atividades culturais, necessitam de dispor de motivação (um conjunto de valores, crenças e interesses), bem como dos recursos de tempo, dinheiro, conhecimento e habilidades. Nem todos os indivíduos possuem esses recursos em igual medida. Porém, esses atributos individuais são mediados por fatores sociais locais (tipos de vínculos familiares, associativos e comunitários), bem como pelos tipos de oportunidades culturais que estão disponíveis. Todos

esses fatores influenciam como as pessoas se conectam e se engajam em atividades culturais.

Mccarthy, e Jinnett (2001), analisaram os fatores que influenciam a predisposição dos indivíduos em participar ou não de atividades culturais. De acordo com a pesquisa, os indivíduos foram classificados em três categorias de acordo com sua predisposição para participar na vida cultural: 1. Os que não estão inclinados a participar: o problema está na percepção que esses indivíduos têm sobre as atividades culturais. Quando eles têm percepções negativas, eles não se inclinam à participação. Portanto é preciso mudar sua percepção para torná-lo um participante, visto que seu comportamento está relacionado a uma barreira de percepção; 2. Os inclinados ou predispostos a participar: quando essas pessoas não participam efetivamente, elas podem estar sendo impedidas por barreiras práticas, ou seja, o acesso à informação sobre o bem ou serviço, a facilidade de transporte, os horários disponíveis, etc. Para que essas pessoas participem ou participem mais, será necessário derrubar as barreiras práticas: fazer promoções de preços, melhorar o transporte, oferecer horários alternativos e bons lugares, etc.; 3. Os que já participam: nesse caso, o fator principal é a experiência cultural, que, quanto mais positiva, mais provocará a inclinação a repeti-la em futuras participações.

O conceito de Capital Cultural elaborado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (2007) é utilizado para explicar a desigualdade do consumo cultural – isto é, a dificuldade ou os diferentes modos de consumir bens culturais que não estão relacionados à falta de recursos financeiros do público potencial. Na perspectiva de Bourdieu, capital não se restringe ao capital econômico (bens econômicos e de produção), mas também se refere ao capital social (rede de relações, interconhecimento, vinculação a grupos), ao capital cultural (qualificação produzida pela família e pela educação escolar) e ao capital simbólico (ligado às diversas formas de reconhecimento). Tal conceito, Capital Cultural, pressupõe que é o ambiente familiar e a formação escolar que determinam uma atitude, uma disposição de consumir cultura, mais do que qualquer inclinação natural espontânea. As pesquisas de Bourdieu revelaram que há íntima relação entre o público que frequentava museus e outros espaços culturais e sua origem socioeconômica, bem como seu capital cultural.

A teoria de Bourdieu ajuda a entender que o gosto pela arte e pela cultura não é inato, mas é produzido por meio de conversas, de referências, de imagens e do que é valorizado pela família. A frequência com que se consome e a modalidade do consumo (gêneros e estilos artísticos preferidos) resultam da inculcação e da adoção de todo um estilo de vida.

O envelhecimento, portanto, mesmo se referindo a uma faixa etária determinada, tem suas especificidades marcadas pela posição de classe social, pela cultura e pelas condições socioeconômicas e sanitárias individuais e/ou coletivas da região, daí a necessidade em se circunscrever a velhice à conjuntura sociocultural para iniciar qualquer estudo (ALVES JUNIOR, 2009).

O Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural

O Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural é uma parceria entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Ministério da Cultura visando implementar a formação em acessibilidade cultural para gestores e trabalhadores da área da cultura, com o objetivo de sensibilizar, estimular, capacitar e criar processos inclusivos de fruções estética, artística e cultural nas ações, gestões e políticas culturais para o público de pessoas com deficiência como produtores ou plateia (UFRJ, 2016).

Um dos objetivos do curso é desenvolver parceria com espaços culturais para proporcionar aos alunos o desenvolvimento de novas soluções para a garantia da acessibilidade, além de praticar as tecnologias de acessibilidades já conhecidas.

O Museu da Geodiversidade foi o museu escolhido como campo prático e de intervenção da segunda turma do Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural. O Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural é uma parceria entre o Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Ministério da Cultura, através da Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural. Sua proposta implementar a formação em acessibilidade cultural com o objetivo de sensibilizar, estimular, capacitar e criar processos inclusivos de fruções estética, artística e cultural nas ações, gestões e políticas culturais para o público de pessoas com deficiência como produtores

ou plateia. O curso inclui em sua proposta de formação a gestão de políticas culturais, passando pelo campo das deficiências e suas especificidades no contexto da legislação, da formação nas diferentes linguagens e nas tecnologias de acessibilidade cultural, bem como a experiência e aplicabilidade dos conteúdos apreendidos. Desta forma, o curso tem como proposta desenvolver parceria com espaços culturais para proporcionar aos alunos o desenvolvimento de novas soluções para a garantia da acessibilidade, além de praticar as tecnologias de acessibilidades já conhecidas.

Ao longo do Curso de Especialização por meio de suas diversas disciplinas, a turma desenvolveu projeto visando adaptar o Museu da Geodiversidade para trabalhar com diferentes tipos de público e suas características, pessoas com necessidades específicas, pessoas com limitações funcionais nas áreas motora, sensorial, intelectual e comunicacional. Foram propostas que as suas salas possuíssem os recursos diferenciados, que pudessem atender qualquer público. Embora os idosos não tenham sido considerados como um público com necessidades especiais, na medida em que nem todos os idosos necessitam de adaptações e de recursos para acessibilidade, muitos possuem características que os aproximam deste público com necessidades especiais.

Objetivos

Objetivo geral

Analisar a acessibilidade do Museu da Geodiversidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro no que se refere à pessoa idosa tendo por referência a visita de um grupo de idosos à exposição “Memórias da Terra”. O grupo foi constituído por idosos socialmente vulneráveis participantes de um projeto de extensão do curso de Terapia Ocupacional da UFRJ

Objetivos específicos

- Caracterizar o grupo de idosos participantes do estudo
- Descrever a visita ao Museu da Geodiversidade da UFRJ, considerando as necessidades de adaptações e recursos de acessibilidade inerentes aos idosos.

- Conhecer as perspectivas da equipe de educação do museu acerca da abordagem aos idosos, bem como das residentes e alunas bolsistas de extensão que os acompanharam na atividade.

Este trabalho foi estruturado da seguinte forma: inicialmente, foi caracterizado o projeto no qual a população alvo estava inserida e a própria população alvo do estudo, na sequência foram apresentados o método utilizado, a discussão da experiência da visita ao museu e as considerações finais.

OS IDOSOS SOCIALMENTE VULNERÁVEIS PARTICIPANTES DE PROJETO DE EXTENSÃO DO CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFRJ

O projeto de extensão “A Terapia Ocupacional no atendimento a idosos em situação de vulnerabilidade social”.

O projeto de extensão vem sendo realizado desde o início de 2012 por alunos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Extensão – *PIBEX-UFRJ* e docentes do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da UFRJ em parceria com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro (SMDS-RJ). Para o sua implementação foi estabelecido o termo de cooperação técnica numero 08/003.806/2011.

O projeto é desenvolvido na Central de Recepção de Idosos Pastor Carlos Portela- CRIPCP, unidade da SMDS- RJ voltada para o atendimento a idosos com 60 anos ou mais, de ambos os sexos, independentes ou com algum tipo de dependência que perderam seu vínculos sociais e familiares e por esta razão encontram-se abrigados provisoriamente na Central de Recepção. A Central de recepção, unidade onde o projeto é desenvolvido, conta com 50 vagas e publico rotativo de curta permanência. Grande parte dos idosos não possui renda e vive em situação de rua, muitos são portadores de transtornos mentais, alguns são usuários de drogas e álcool e alguns foram vítimas de negligência e maus tratos por parte dos familiares. Nem sempre os idosos aceitam o fato de estarem abrigados na central de recepção. A saída

da central se dá, na maioria das vezes, para abrigo da SMDS, mas a tentativa de reinserção familiar é a primeira opção da equipe.

A equipe da CRIPCP é constituída por assistentes sociais, psicólogos e educadores sociais. Como não há terapeuta ocupacional na equipe, o projeto é o que viabiliza o contato dos idosos com os profissionais desta área, sendo, de certa forma, um meio de divulgação da Terapia Ocupacional no âmbito da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro.

No projeto são realizadas atividades coletivas de diversas naturezas aliadas à abordagem de revisão de vida. As atividades funcionam como disparadoras dos temas abordados em cada encontro, que são relacionados aos ciclos de vida, tais como: “infância”, “juventude”, “vida adulta” e “envelhecimento”. O foco do projeto está em compreender como se deu a história de vida destes idosos, privilegiando suas narrativas.

Embora o projeto seja desenvolvido em uma dada instituição, é consenso que os espaços de convivência compartilhados exclusivamente por idosos empobrecem o convívio social com outras gerações. Visando promover maior integração com a cidade e estimular as relações intergeracionais, uma das ações do projeto também é o estímulo às vivências culturais por meio da visita aos espaços culturais da cidade.

Perfil sociodemográfico dos idosos do projeto de extensão

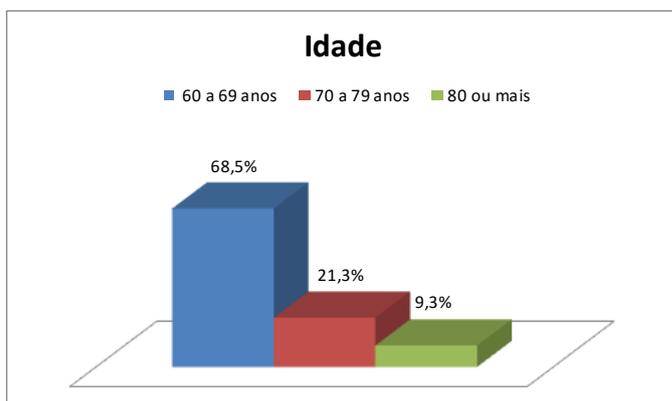
O conhecimento do perfil dos idosos participantes do projeto é fundamental para o entendimento da relação que estabelecem com a cultura, uma vez que sua origem socioeconômica, bem como seu capital cultural e o estilo de vida influenciam significativamente nesta relação.

O estudo anterior realizado por Carvalho et al (2015) utilizou os dados cadastrais da SMDS-RJ, coletados no período de janeiro a março de 2015 e fez a análise descritiva do perfil dos idosos que são acolhidos pela CRPCP, por meio das frequências absolutas e relativas usando o software SPSS versão 2.1. Como principais resultados verificou-se maior percentual de idosos com idade de 60 a 69 anos (68,5%), de cor branca (40,0%), do sexo masculino (81,3%), com ensino fundamental incompleto (28,0%) e sem atividades na

idade produtiva (30,7%). A maioria encontra-se sem renda atual (78,7%), é independente nas atividades da vida diária (82,7%), não faz uso regular de medicamento (53,3%) e percentual considerável faz uso abusivo de álcool (32,0%). O motivo de acolhimento principal foi devido à situação de rua (56,0%).

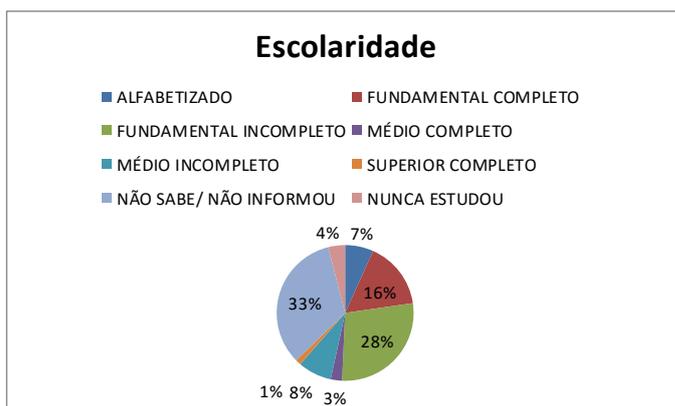
Nos gráficos a seguir estão apresentados os dados mais completos baseados no referido estudo.

Gráfico 1- Detalhamento por Idade – Idosos da CRIPCP



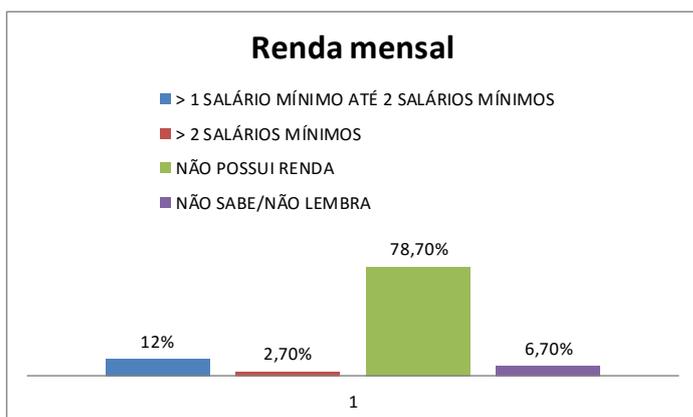
Elaboração própria

Gráfico 2- Detalhamento por Escolaridade – Idosos da CRIPCP



Elaboração própria

Gráfico 3- Detalhamento por faixa de renda- Idosos da CRIPCP



Elaboração própria

Quadro 1- Detalhamento da atividade profissional anteriormente exercida pelos idosos da CRIPCP

Profissão	Percentual
AÇOUGUEIRO	1,3
APOSENTADO	12,0
CARPINTEIRO	1,3
COZINHEIRO (A) / AJUDANTE	2,7
EMPREGADA DOMÉSTICA	1,3
MECÂNICO EM GERAL	1,3
MOTORISTA EM GERAL	1,3
NÃO POSSUI PROFISSÃO OU NÃO ATIVIDADE	30,7
NÃO SABE/ NÃO INFORMOU	9,3
NÃO SABE/ NÃO RESPONDEU	6,7
OUTRA PROFISSÃO OU ATIVIDADE	21,3
PEDREIRO/ AJUDANTE	4,0
PESCADOR	1,3
SAPATEIRO	1,3
SERVENTE	1,3
TÉCNICO NÍVEL MÉDIO	2,7
Total	100,0

Elaboração própria

O conhecimento do perfil dos idosos que são abrigados na Central de Recepção e que, portanto, participaram da atividade cultural cuja análise foi alvo do presente estudo, trouxe algumas reflexões: Quais os possíveis fatores que dificultam e favorecem o acesso dos idosos aos equipamentos culturais?

A maioria tem história prévia de moradia provisória nas ruas e, portanto, apresenta um bom conhecimento do espaço urbano. Na cidade do Rio de Janeiro há multiplicidade de eventos culturais, gratuidade em muitos eventos e no transporte público. Mesmo estando abrigados os que desejam podem sair e retornar a Central normalmente observando apenas o horário limite de retorno e a maioria, apesar da idade, apresenta boas condições físicas e de saúde em geral.

O perfil dos idosos, a princípio, não se mostrou desfavorável às vivências culturais. No entanto o que se observou durante os anos de desenvolvimento do projeto é que eles não costumam sair para frequentar espaços culturais apesar de apresentarem condições para tal. Entretanto aderem à ideia quando proposta pela equipe do projeto ou de outros que acontecem naquele espaço, o que demonstra que gostam e apreciam tais vivências. Sobre isso Alves Junior (2009) refere que ainda falta muito para que a visibilidade e a presença dos idosos no teatro social se transformem em protagonismo, pois há sobre eles uma atitude de benevolência e tolerância extremamente desqualificadora e despotencializadora. Esta atitude os coloca no palco social como personagens agraciados por uma benevolência e caridade daqueles que comandam a cena, num autêntico processo de desculpabilização.

A exclusão da população idosa nesse processo social mais dinâmico tende a acirrar a marginalização dos mesmos. Há um pacto de silenciamento e negação em relação à velhice, principalmente em relação ao idoso pobre como os da CRIPCP, e há uma amenização do preconceito, discriminação e negação quando se trata de idoso com alguma renda ou com mais recursos, que não dependa diretamente das políticas públicas. Nesse caso, trata-se de uma velhice apta para o consumo e, assim, até mesmo o uso do termo velho não lhes cabe. É também nessa perspectiva que Teixeira critica o uso de certos termos dirigidos à velhice, tais como “terceira idade”, justificando que tem a intenção de ressaltar o valor da juventude, minimizando os efeitos da

velhice: (...) a difusão da expressão “terceira idade”, para expressar o envelhecimento moderno, supervaloriza essa etapa da vida com comportamentos ativos, joviais, dinâmicos e termina-se por negar o envelhecimento. Seu objetivo na realidade passa a ser a busca da juventude como alguma coisa que sempre pode ser alcançada, desde que se tenham formas de consumo e estilos de vida adequados. Portanto, não se trata de valorização da pessoa idosa, mas da afirmação do valor à juventude (TEIXEIRA, 2008, p. 113).

O protagonismo social dos idosos é extremamente importante e necessário porque é nele que pode fluir, por mais paradoxal que possa parecer, uma crítica radical da sociedade e ações de mudança mais contundentes. Já foi o tempo em que os jovens queriam mudar o mundo e se sentiam com força para isso. Hoje, a juventude encontra-se não na oposição, mas sim na sustentação de todo o sistema econômico, social e político. Os jovens não representam mais uma força de mudança, ao contrário, estão tão aderidos que representam, isto sim, forças sociais conservadoras (ALVES JUNIOR, 2009)

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Este estudo de abordagem qualitativa analisou a experiência de um grupo de idosos em uma atividade cultural e incluiu observação, entrevistas, rodas de conversas e a aplicação de questionário.

A pesquisa aconteceu em dois cenários distintos: A Central de Recepção de Idosos Pastor Carlos Portela da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro e o Museu da Geodiversidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Os sujeitos da pesquisa foram os idosos participantes do projeto de extensão intitulado “A Terapia Ocupacional no atendimento a idosos em vulnerabilidade social”, as quatro alunas bolsistas do mesmo projeto, duas residentes em Acessibilidade Cultural, quatro mediadores do museu e uma museóloga.

A pesquisa foi realizada em duas etapas:

A primeira etapa aconteceu na Central de Recepção Pastor Carlos Portela e consistiu na apresentação de um vídeo de divulgação da exposição “Memórias da Terra” e na sequência roda de conversa sobre a apresentação e sobre as experiências vivenciadas pelos idosos em museus e outros equipamentos culturais. Em outro momento foi aplicado um questionário (em anexo) também versando sobre as experiências culturais vivenciadas anteriormente pelos idosos. Esta etapa contou com a participação da coordenadora e das quatro bolsistas do projeto de extensão e aconteceu em dois encontros ao longo do mês de dezembro de 2015.

A segunda etapa aconteceu no Museu da Geodiversidade e consistiu na visita de 13 idosos participantes do projeto a exposição “memórias da Terra” e além dos idosos, esta etapa contou com a presença de três das bolsistas do projeto de extensão, de quatro membros equipe de educadores do museu, de uma museóloga, e de duas residentes em Acessibilidade cultural. Após a visita, no espaço anexo ao museu aconteceu uma roda de conversa com os idosos que relataram sua experiência com a visita. Esta etapa ocorreu em janeiro de 2016.

Ainda no espaço anexo ao museu aconteceram entrevistas com a equipe do museu, com as bolsistas do projeto e as residentes em Acessibilidade Cultural.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Seu conteúdo foi analisado através da análise temática proposta por Bardin e adaptada por Minayo (2007).

Os questionários foram consolidados através de operações matemáticas simples e suas informações inseridas com o auxílio do programa Excel possibilitou a construção de gráficos que auxiliaram na interpretação dos resultados da pesquisa.

As observações acerca da visita foram registradas em caderno de campo da coordenadora do projeto e das bolsistas e foram fundamentais para a consolidação dos resultados do estudo.

IDOSOS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL EM VISITA AO MUSEU DA GEODIVERSIDADE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Antes da visita propriamente dita ao Museu da Geodiversidade da UFRJ foram realizadas rodas de conversa com os idosos sobre as suas experiências em equipamentos culturais e também a aplicação de um questionário acerca de quais desses equipamentos foram os mais acessados, refletindo desta forma, quais seriam os de maior familiaridade.

Experiências prévias dos idosos em equipamentos culturais, incluindo museus.

Os idosos participantes da pesquisa tinham idade variando entre 60 e 77 anos, a maioria na faixa dos 60. Dos treze idosos participantes da pesquisa, dez referiram que costumavam frequentar museus, cinemas, teatros e ir a shows e três responderam negativamente a este questionamento.

Quando questionados sobre a frequência que visitam esses equipamentos culturais, oito dos dez, responderam que os frequentavam pelo menos uma vez por mês e dois pelo menos uma vez a cada seis meses. Embora não tenha ficado muito claro se esta resposta teve como base o momento presente de suas vidas ou época passada, o dado reflete que a maioria tem identificação e gosta de atividades culturais.

O cinema foi apontado pela maioria como sendo o equipamento cultural mais frequentado entre shows, teatro, museus e jogos de futebol. Apenas um dos idosos respondeu ter frequentado mais o teatro.

Especificamente em relação aos museus, três dos idosos admitiram não gostar de visitá-los e dez referiram gostar de museus, embora dois desses tenham alegado nunca terem ido a um museu.

Sobre a dificuldade em ir a museus as respostas foram variadas. Três idosos alegaram não ter nenhuma dificuldade, cinco disseram não se identificar com as exposições, dois alegaram que a distância é a principal dificuldade encontrada e um falou que a dificuldade se deu por problema de saúde.

Nas rodas de conversas os relatos de suas experiências em museus geralmente vinham acompanhados de lembranças de outras fases da vida, fato que geralmente desencadeava outros assuntos ligados à família, juventude e até religião.

Para alguns a experiência em museus parece ter sido algo distante.

Eu tenho pouca experiência em museu porque fui muito pouco. (Idoso com 61 anos)

Só fui em museu uma vez, assim mesmo eu ainda era de menor e foi em um museu militar. (Idoso com 60 anos)

Alguns relatos foram de experiências positivas e os idosos procuraram destacar a importância da experiência e falar sobre o tipo de museu que mais gostavam.

Gosto de museus que relatam a história das coisas que me interessam. (idoso com 62 anos)

Gostei mais do Ipiranga por causa do histórico. Sempre fui muito bem recebido. Me sentia bem lá. (Idoso com 63 anos)

Vi coisas muito importantes, mas o museu nacional não dei muita importância (Idoso com 77 anos).

Gostei muito de ir a museus. Ultimamente não vou mais porque quebrei a perna e uso uma bengala. Não ando muito nas ruas porque tá tudo muito acelerado e porque já fui assaltada. (Idosa com 73 anos)

O relato imediatamente acima parece trazer a tona certa recusa à compressão do tempo e do espaço, que torna a vida acelerada e desterritorializada para o idoso. Nos fala Alves Junior (2009) que isso é angustiante para os idosos porque eles não viveram assim na infância e na adolescência, mas, mais ainda, pelo temor diante da percepção da iminência da morte. Para quem a morte se aproxima não interessa acelerar o tempo, nem se expor aos perigos dos deslocamentos constantes de um lugar a outro.

Bourdieu (2007) através de seus conceitos de habitus explica a certa resistência e falta de familiaridade das pessoas em relação aos museus. Para o autor os gostos e preferências, a questão do sentido simbólico faz compreender o cultural como meio aglutinador das disposições/significações

adquiridas pelos sujeitos nos níveis da vida familiar e da vida social e também como elemento de distinção.

A noção de habitus auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente e pode ser entendida como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas.

O conceito de habitus surge da necessidade empírica de apreender as relações de afinidade entre o comportamento dos agentes e as estruturas e condicionamentos sociais. Habitus é aqui compreendido como:

um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (Bourdieu, 1983, p. 65).

Há segmentos sociais que não compreendem a ida ao museu como algo “necessário” isto é, não possuem a disposição, o habitus requerido para a frequência desta instituição cultural (BOURDIEU; DARBEL, 2003). Seriam, portanto, indivíduos despossuídos dos meios simbólicos necessários para a fruição desse equipamento cultural, os quais são adquiridos pela educação familiar e escolar, isto é, pela transmissão de capital cultural mediante práticas pedagógicas formais e informais. (CPIM/DEPMUS/IBRAM, 2012)

No universo da Central de Recepção de idosos a própria disposição em ir ao museu já reflete certa distinção, pois observou-se que os que se dispuseram a ir à atividade foram também àqueles mais participativos nas atividades em geral, os mais “desembaraçados”, os que se expressavam melhor, possivelmente os detentores de maior capital cultural. Ampliando a concepção marxista, Bourdieu entende que o termo capital não se refere apenas ao acúmulo de bens e riquezas econômicas, mas sim a todo recurso ou poder que se manifesta em uma atividade social. Assim, além do *capital econômico* (renda, salários, imóveis), é decisivo para o sociólogo a compreensão de *capital cultural* (saberes e conhecimentos reconhecidos por diplomas e títulos), *capital social* (relações sociais que podem ser convertidas em recursos de dominação). Em resumo, refere-se a um *capital simbólico* (aquilo que chamamos prestígio ou honra e que permite identificar os

agentes no espaço social). Ou seja, desigualdades sociais não decorreriam somente de desigualdades econômicas, mas também dos entraves causados, por exemplo, pelo déficit de capital cultural no acesso a bens simbólicos.

Os idosos que participaram da visita ao museu formaram um grupo heterogêneo embora a maioria tivesse identificação com a proposta. Dois dos idosos participantes inclusive haviam morado fora do Brasil e conheciam museus na Europa e em outros países da América Latina, houve alguns que se dispuseram a ir à visita ao museu somente em virtude de sair e conhecer outro lugar, sem muita identificação com a proposta.

O museu da Geodiversidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A exposição “Memórias da Terra”

O Museu da Geodiversidade foi inaugurado em dezembro de 2008 com uma proposta inovadora: a de integrar rochas, minerais, fósseis, eventos geológicos e o Homem num único circuito expositivo, que privilegia uma leitura da evolução do Planeta Terra com a vida nele existente (UFRJ, 2016).

O acervo hoje guardado pelo Museu da Geodiversidade (MGeo), que foi constituído ao longo de mais de um século de história e que continua a crescer por meio das atividades de campo realizadas por docentes e discentes semestralmente, serve de base para o trabalho de uma equipe interdisciplinar dedicada à sua pesquisa, documentação, preservação e comunicação.

De um modo geral, ele reúne cerca de vinte mil exemplares entre rochas, minerais, fósseis, icnofósseis (vestígios de atividades de organismos do passado, como pegadas, excrementos e rastros de invertebrados), documentos e objetos histórico-científicos, artefatos e reconstituições de animais já extintos, classificados nas seguintes coleções: Coleção de Minerais; Coleção de Rochas; Coleção de Fósseis; Coleção de Icnofósseis; Coleção Didática; Coleção de Reconstituições; Coleção Arqueológica; Coleção Histórico-Científica (UFRJ, 2016).

A relevância do acervo do MGeo em termos científicos é notória, como assim também o é em termos histórico-culturais, já que ele todo não só ajuda a reconstruir a história de evolução do planeta Terra e da vida nele existente,

como também é fundamental para a reconstrução da história do estudo das geociências no Brasil e das instituições acadêmicas, como é o caso da UFRJ.

A visita ao Museu da Geodiversidade

Os idosos chegaram ao Museu da Geodiversidade no período da manhã em veículo próprio da SMDS RJ, acompanhado de um motorista e uma das alunas bolsistas do projeto. No museu encontraram com o restante da equipe do projeto, a coordenadora e outras duas alunas bolsistas. A distância entre a CRIPCP e o museu é curta e o deslocamento na Van em vez de transporte público por certo foi bem mais confortável. O veículo parou em frente ao prédio do Centro de Ciências da Matemática e Natureza e o deslocamento até o museu se deu sem nenhuma dificuldade.

A primeira ação ao chegarem ao museu foi a assinatura do livro de visitas. Todos os idosos fizeram questão de assiná-lo, o que demandou um tempo considerável. O tempo de espera demasiadamente longo gerou a intolerância e dispersão de alguns.

Após a assinatura do livro de visitas, a equipe de educadores do museu se apresentou e iniciou a programação, seguindo um roteiro previamente adaptado para aquele público. Segundo os alunos mediadores tratava-se de um roteiro abreviado de informações diretas e mais resumidas comparadas ao roteiro para o público em geral. Esta informação não foi divulgada aos idosos, mas foi previamente combinada com a coordenadora do projeto.

Ainda na parte externa do museu a mensagem de boas vindas se deu por meio da pintura de Monteiro Lobato com movimento facial simulando fala. Enquanto se observa os movimentos da figura, ao mesmo tempo se ouve a seguinte mensagem:

Olá! Meu nome é Monteiro Lobato e os senhores conhecem-me, provavelmente, apenas como o autor do Sítio do Pica-pau Amarelo. Porém poucos sabem que escrevi também, em 1937, o livro "O Poço do Visconde", em que afirmo ser possível explorar petróleo no Brasil. Na época, fui desacreditado, mas hoje estou feliz por estar aqui, no Museu da Geodiversidade, onde compreendemos como nossas riquezas naturais são importantes para o desenvolvimento econômico e social do Brasil. Se, assim como eu, os senhores almejam descobrir mais sobre as Geociências, convido a todos a mergulhar nesta

exposição, chamada “Memórias da Terra”, que conta a história não da terra-mundo, mas sim da terra-terra, da terra-chão.

Embora a figura de Monteiro Lobato e a mensagem curta tenha despertado o interesse da maioria dos idosos participantes, alguns estavam ansiosos para entrar no espaço do museu. Tal ansiedade provavelmente teve a influência da espera para a assinatura do livro de visitas.

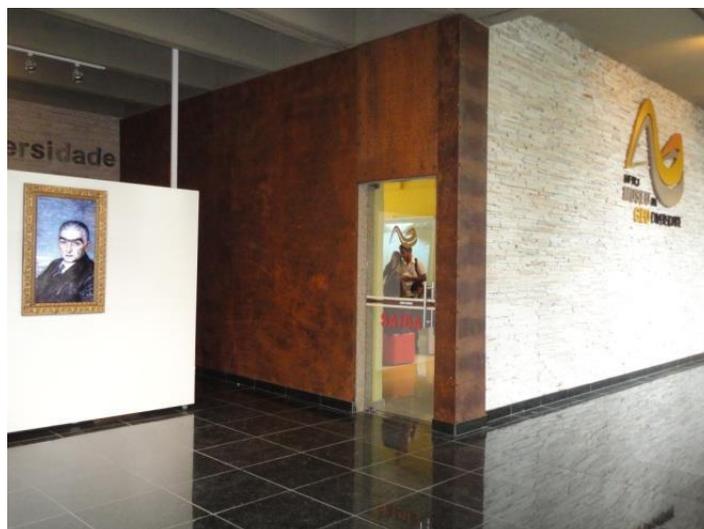


Figura 1- Entrada do museu da Geodiversidade

Na primeira sala encontra-se uma representação da Terra primitiva. Uma estrutura grande simula a existência de crateras, vulcões e fissuras em sua superfície. Há ainda a exposição de meteoritos, texto e vídeo explicando como o nosso planeta se formou. A maioria dos idosos quis tocar a estrutura redonda, que lhes chamou bastante atenção. O texto na parede foi pouco percebido pelo grupo que permaneceu atento a explicações da equipe de mediadores. O grupo de 13 idosos mais os outros participantes da equipe do projeto e do museu foi muito numeroso em relação ao espaço da sala. Para melhor aproveitamento da experiência seria interessante a divisão do grupo.



Figura 2-Sala 1- Acervo pessoal

Na sala seguinte há um chão onde se projeta ranhuras simulando a sensação de um terremoto, também há sons neste mesmo sentido de simular terremoto e ambiente vulcânico em que a crosta se abre, surgindo um rio de magma. Não há textos, nem objetos. Os idosos aproveitaram esse momento para fazer várias perguntas e interagir muito com a equipe do museu.

O terceiro espaço do museu onde são apresentados os “Minerais: os frutos da Terra” é uma sala onde há uma “parede” de minerais e rochas fatiados, um geodo de ametista com mais de 3 metros e outros minerais presentes nas vitrines. Parte do acervo desta sala, o que não está protegido com vidros ou guarda-corpo, pode ser tocada por todos os visitantes.

Nesta sala apesar de ser ainda o início da exposição, os idosos já começaram a demonstrar que estavam cansados. Alguns buscavam apoio nas paredes e um deles chegou a sentar-se no chão.



Fig.3



Fig.4



Fig.5

Mesmo vindos de local relativamente próximo, a CRIPCP dista poucos quilômetros do museu, e tendo vindo de veículo confortável do tipo Van da própria SMSD, alguns idosos demonstraram cansaço já nesta parte inicial. É possível inferir que caso o deslocamento fosse realizado de local mais longe e em transporte público estariam provavelmente bem mais cansados.

A sala atraiu muito a atenção dos idosos que fizeram perguntas aos mediadores, tocaram nas peças disponíveis e interagiram muito bem com o espaço. No entanto letras pequenas em com pouco contraste nas placas de indicação dos minerais dificultaram a leitura para alguns. Quanto aos objetos que constam na exposição nem sempre os menores ficam dispostos na frente (Figura 6), aspecto que dificulta a visualização e os objetos não estão inclinados para permitir uma fácil e boa visibilidade.



Fig.6



Fig.7



Fig.8

Na próxima sala da exposição “Mares do Passado” o visitante tem contato com a grande diversidade de mares e organismos aquáticos que já existiram no planeta. Não há organização temporal dos fósseis, apenas a ambiental, ilustrando a diversidade de organismos que viveram nos mares (Castro, 2014).

Após perceber o cansaço dos idosos na sala anterior a equipe do museu rapidamente providenciou bancos para que alguns pudessem se sentar. Como sugestão tais bancos já poderiam estar disponíveis com antecedência em todos os espaços do museu.



Fig.9



Fig.10

Os idosos nessa sala também puderam tocar em algumas peças o que é muito positivo, pois favorece a interação. Nesse momento da exposição chamou a atenção o fato de que alguns idosos “elegeram” alguns mediadores para obterem atenção mais individualizada. Essa característica se repete em situações diferentes, no próprio projeto, em visitas a outros espaços anteriormente realizadas pelo grupo. O fato parece ser decorrente da carência afetiva dos idosos e reflete a dificuldade de se pensar o “coletivo” através da busca constante por atenção individual. Estas tentativas de monopolizar a atenção dos mediadores gerou uma situação difícil de lidar, talvez por sua imprevisibilidade. No entanto após esta experiência com este grupo, os mediadores foram convocados a pensar sobre isso.

A quarta sala da exposição “E a Vida Conquista os Continentes...” se refere ao surgimento dos primeiros vegetais nos continentes. O ambiente é amplo. Na primeira parte da sala a luz natural entra pelo lado direito no ambiente, através de tijolos de vidro. Já na segunda parte da sala, o ambiente é mais escuro, onde há a representação de uma floresta de araucária e a iluminação por luz artificial.



Fig. 11

Nesta sala embora houvesse textos explicativos nas paredes, os idosos ignoraram essa informação. Nenhum deles parou para ler o texto e não foi

dada nenhuma orientação acerca dos mesmos por parte da equipe de mediadores do museu.

O espaço que simula a mata de araucária é constituído por estrutura de plástico instável que apresenta risco para os idosos porque estes poderiam se apoiar na estrutura, embora orientações verbais tenham sido dadas neste sentido. O esquecimento e a atenção diminuída podem estar mais presentes na população idosa em relação à população em geral e, portanto para o atendimento a esta se faz necessária pista mais consistente sinalizando o risco.



Fig.12

A quinta sala visitada pelo grupo a sala “Feras do Cretáceo” possui réplicas de diversos dinossauros e um fóssil original de réptil. A sala atraiu bastante a atenção, pois impressiona pelo tamanho das peças. A sala também possui textos nas paredes e um vídeo explicativo. Estes elementos não atraíram a atenção dos idosos que ficaram atendo ao que os mediadores falavam e as próprias peças. A sala também apresentava peças de fósseis expostas em vitrines de vidro. O uso do contraste especialmente nas vitrines favoreceria aos que possuem visão diminuída. As molduras das peças deveriam contrastar com as cores nas paredes de fundo das vitrines para favorecer a melhor percepção das peças pelo publico idoso.



Fig.12



Fig.13

Após a sala Feras do Cretáceo circuito expositivo existe um jardim a céu aberto. Este é um ambiente de interação onde, onde os visitantes sentem-se parte do jardim. Existe neste espaço, um painel bem grande com imagem de uma praia. Segundo Castro (2014) o painel que ilustra a evolução dos vegetais ao longo do tempo e também de uma amostra de rocha especial, que contém partes originadas tanto na formação, quanto na quebra no Gondwana, mostrando a datação relativa de rochas através das transformações pela qual passou ao longo de mais de 500 milhões de anos. O grupo não se manteve por muito tempo neste espaço devido ao forte sol que fazia no dia da visita. Não foi um espaço suficientemente aproveitado pelo grupo.

A sétima sala a ser visitada a “Era dos Mamíferos” incluiu o “Monstro da Amazônia” onde os idosos puderam se surpreender ao conhecer o *Purusaurus brasiliensis* Paula-Couto, 1952, o maior jacaré que já existiu, com 15 metros de comprimento. A sala inclui também o espaço denominado “Primeiros Americanos”, quando o visitante defronta-se com a sua própria história. O grupo teve a oportunidade de observar artefatos arqueológicos, pinturas rupestres, reconstituições de crânios de diferentes hominídeos, uma escultura virtual da primeira americana descoberta (Luzia) e uma reconstituição de um dos primeiros macacos americanos, o *Protopithecus brasiliensis* Lund, 1938 (Castro, 2014).



Fig.14



Fig.15

Neste momento da exposição os idosos já estavam bastante cansados e procuraram se sentar. A equipe do museu se esforçou para conseguir assento para todos e também para providenciar água na tentativa de trazer mais conforto aos idosos. A mandíbula chamou bastante a atenção do grupo, assim como as pinturas e a foto da Luísa.

Nesta sala há um grande desnível no piso e uma rampa pequena e bastante desproporcional ao tamanho do desnível. Apesar de possuir inclinação adequada, ela não é sinalizada. Um dos idosos não percebeu o desnível no piso e quase caiu. É importante que esse desnível seja sinalizado (Figura 16) e a rampa também mais adequada à dimensão do desnível. Como já havia decorrido muito tempo do início da exposição o cansaço pode ter sido um dos fatores que contribuíram para que o idoso em questão não percebesse o desnível.



Fig.16

Esta sala é de grande dimensão e reúne várias atrações, inclusive o espaço “Tecnógeno, uma realidade”, nesta parte da exposição são tratadas temáticas de interesse contemporâneo, como as mudanças climáticas e a utilização de recursos naturais, com destaque para o petróleo. Neste espaço imagens da relação entre o homem, o tempo e o espaço instigam reflexões. De acordo com Castro (2014) o totem “Camadas do Tempo” que faz parte desta sala foi produzido para apresentar a sucessão dos principais episódios tecnológicos humanos, demonstrando como a produção do homem perpassa uma história de criação, construção e destruição, através da arte, do trabalho e da guerra.

Um painel representando microfósseis associado à imagem de uma plataforma de petróleo e a documentários sobre a importância desse recurso natural para a nossa vida cotidiana também fazem parte da sala e levam à reflexão sobre a utilização de nossas riquezas minerais.

A sala apresenta ainda um painel interativo denominado “De olho no petróleo” onde é possível descobrir a participação do petróleo na composição de itens usados no cotidiano, como giz de cera (99%), creme hidratante (5%) e analgésico (1%), entre outros. Os idosos demonstraram grande interesse e participaram ativamente da atividade interativa.



Fig.17

Finalizada a visita todos se dirigiram a sala anexa ao museu e puderam comentar suas impressões.

De forma a atender as metas de acessibilidade e remover barreiras à participação das pessoas idosas o museu ainda necessita de modificações. De forma geral, nos espaços internos, as rampas precisam de proteção lateral ou corrimão para evitar acidentes com pessoas impossibilitadas de perceber as diferenças de altura com o solo. Os bancos já disponíveis nos espaços seria importante e talvez a divisão do grupo em dois grupos menores pudesse ser proveitosa.

Acerca da visita os idosos ressaltaram a falta de espaço para todo o grupo em algumas das salas e a ausência de sinalização no degrau onde um deles tropeçou. Destacaram a presença da mediação, no entanto consideraram equivocadamente que esta substituiu as informações presentes nos vídeos e textos nas paredes das salas.

Os idosos manifestaram desejo de continuar conhecendo a universidade e perguntaram se há outros museus e bibliotecas que pudessem conhecer.

A visita na perspectiva da equipe de educação do Museu da Geodiversidade

Os mediadores do museu relataram que ao longo de suas experiências atenderam poucos idosos no Museu da Geodiversidade. Segundo eles este não é um público que costuma ir ao museu. Nunca haviam acompanhado um grupo de idosos e relataram que os poucos idosos que haviam acompanhado anteriormente mantinham alguma ligação com os funcionários do museu, pois eram avós, mãe, sempre próximos a alguém da equipe. Quando questionados acerca do motivo pelo qual isso acontecia justificaram suas respostas com o desconhecimento da existência deste museu pela população em geral e pelo fato de estar localizado na universidade onde circulam, sobretudo jovens.

Especificamente sobre a visita afirmaram que gostaram e se surpreenderam com a interação, não havendo em geral nenhuma dificuldade em abordar o grupo. Contudo na observação da visita foi nítido o desconforto de alguns com relação às tentativas de atenção individual demandadas por alguns idosos. A surpresa com a interação e o conhecimento que alguns idosos demonstraram ter sobre alguns períodos históricos possivelmente vem da ideia difundida socialmente de que o conhecimento dos idosos e dos moradores de rua é irrelevante.

Os mediadores informaram que o roteiro apresentado foi modificado para atender as especificidades do público. As principais modificações no roteiro que realizaram neste sentido se referem ao tempo de explanação em cada uma das salas, ao detalhamento das informações e ao uso de termos rebuscados e linguagem técnica durante a mediação. Contudo, observou-se que ainda assim o roteiro foi demasiadamente longo e tornou-se cansativo para parte dos idosos.

Uma dificuldade que não foi relatada pelo grupo e foi observada ao longo da visita foi a tentativa de dar conforto aos idosos desde a providencia dos bancos nas salas que foi feita com esforço pelos mediadores até a oferta

de água aos idosos que também despendeu grande esforço da equipe. Enquanto um passava as informações, os outros providenciavam esses itens. Ressalta-se que tal dificuldade poderia não ter acontecido se previamente a oferta de água e dos assentos fossem consideradas pela equipe, uma vez que a visita do grupo estava agendada com antecedência considerável.

A visita na perspectiva das bolsistas do projeto e das residentes em Acessibilidade Cultural

Os relatos das bolsistas do projeto de extensão e das residentes foram principalmente no sentido da adaptação do espaço expositivo. As três alunas bolsistas do projeto são alunas do curso de graduação em Terapia Ocupacional e as residentes são terapeutas ocupacionais. Faz parte do *roll* de procedimentos da profissão a adequação ambiental. As bolsistas e residentes também realizaram sugestões acerca da forma de abordagem aos idosos.

Como principais percepções e sugestões foram apontadas:

Disposição de bancos em cada uma das salas- As salas do museu não contavam com bancos, exceto a última sala da exposição no espaço interativo. Os mediadores ao perceberem o cansaço dos idosos os providenciaram, mas ao passar de uma sala para outra os bancos precisavam ser transportados e ainda assim não eram em número suficiente. Seria ideal já tê-los nas salas e em maior quantidade.

Oferta de água ou bebedouro próximo com copos disponíveis- Havia bebedouros disponíveis nos corredores da universidade, não exatamente no espaço do museu, no entanto o tipo de bebedouro exigia o uso do copo. Os copos foram providenciados pela equipe, porém com demora e para evitar dispersão a água foi ofertada pelos próprios mediadores, pelas bolsistas e residentes que enchiam garrafas e abasteciam os copos dos idosos. Existe a necessidade de um bebedouro mais próximo ao espaço do museu para maior conforto de seus visitantes.

Sinalização nos degraus- O degrau não sinalizado quase causou a queda de um dos idosos. É importante além da rampa a sinalização do degrau,

pois no caso dos idosos ele não foi percebido. A sala onde se localiza o degrau é imediatamente após o espaço do jardim a céu aberto, local de grande luminosidade natural. No envelhecimento os olhos tornam-se mais sensíveis aos raios de sol e a luminosidade e demora a fazer os ajustes da claridade para a escuridão e vice-versa. Fica mais difícil perceber a distância entre os objetos, as cores e os contrastes. Não há contraste no piso e neste caso a sugestão é a sinalização tátil em toda a extensão do degrau.

Maior destaque para os textos disponíveis nas paredes das salas-

Algumas vezes os textos não foram percebidos pelos idosos. O contraste ou o uso de molduras ao redor dos textos poderia ser uma estratégia para atrair a atenção. Durante a visita a equipe de mediadores não chamou a atenção dos idosos para os textos e também não para os vídeos.

Adaptação do roteiro- embora tenha sido adaptado pelos mediadores, na avaliação das bolsistas do projeto e das residentes, o roteiro ainda se manteve longo. A sugestão foi adaptar o roteiro de modo a manter as informações principais sobre cada sala e deixar o grupo explorar mais cada espaço. Observamos que imediatamente após a explicação dos mediadores o grupo deixava a sala e seguia para a próxima sem a oportunidade de perceber os objetos de cada espaço.

Divisão do grupo- A sugestão foi dividir o grupo em grupos menores, onde cada mediador acompanharia cerca de quatro ou cinco idosos. A visita iniciaria em momentos diferentes de modo que não houvesse coincidência de salas. A divisão permitiria mais espaço livre na sala, facilitando sua melhor exploração pelos idosos.

Dinâmica de apresentação- a divisão do grupo em grupos menores facilitaria que alguma dinâmica de apresentações fosse realizada. Essa apresentação incluiria um breve resumo da biografia de cada um. Conhecendo algumas características do grupo o ajuste do roteiro ficaria mais fácil para os mediadores, além de gerar maior proximidade e favorecer o estreitamento dos vínculos entre os participantes e a interação entre todos.

Em suma, segundo a concepção de bolsistas e residentes podemos pensar em três eixos de intervenção no que se refere aos terapeutas ocupacionais atuando no contexto do museu:

Ambiência- corresponde às adequações e modificações no espaço expositivo e no próprio espaço físico do próprio museu e de seu entorno.

Orientação aos mediadores- envolve não só a adaptação do roteiro, como também ao uso de algumas técnicas de abordagens e ao estabelecimento de relação positiva com base na empatia, que favorece o relacionamento interpessoal.

Orientação aos idosos no momento da mediação- inclui observação às necessidades apresentadas pelos idosos no momento da visita, bem como a proposta de alguma atividade acerca da temática da exposição. .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou uma experiência de fruição cultural em uma população específica, que foi um grupo de idosos socialmente vulneráveis participantes de um projeto de extensão universitária. Inicialmente foi caracterizado o grupo de idosos participantes do estudo, em seguida foi descrita a visita ao Museu da Geodiversidade da UFRJ, considerando principalmente as necessidades de adaptações e recursos de acessibilidade inerentes aos idosos. As perspectivas dos próprios idosos participantes, da equipe de educação do museu, bem como das residentes e alunas bolsistas de extensão que os acompanharam na atividade também foram objeto deste estudo.

Destaca-se a abordagem qualitativa desta investigação que, por meio de questionários e entrevistas, tentou compreender as percepções desses atores em relação à atividade realizada. Dados quantitativos foram usados apenas para melhor descrição do perfil dos idosos e para a geração dos gráficos que permitiram melhor visualização dessas informações.

As entrevistas e os questionários, realizados com os idosos e com os demais sujeitos da pesquisa, apontaram para alguns elementos importantes. Um desses elementos se refere a pouca frequência desse segmento populacional no cotidiano do museu. A ausência de idosos frequentando o Museu da Geodiversidade foi referida pela equipe nas entrevistas e também a pouca frequência dos idosos aos museus em geral foi de certa forma apontada pelos próprios idosos nos questionário.

Ficou constado com a pesquisa que os terapeutas ocupacionais têm a contribuir com a acessibilidade do museu visando seu melhor acolhimento ao público idoso. Esta contribuição se dá em torno de três aspectos principais: adequação do ambiente do museu, orientação à equipe de mediadores e intervenções com os próprios idosos no momento da visita.

Embora não seja interessante a identificação do envelhecimento como sinônimo de dependência, restrições e outros aspectos negativos em geral associados aos idosos, é possível pensarmos que ainda assim a população idosa apresenta algumas características que dificultam sua fruição cultural e, portanto, medidas de acessibilidade lhe cabem. Contudo, é preciso ponderar que os idosos não constituem um grupo homogêneo e, portanto nem todos precisam dos recursos de acessibilidade que foram propostos neste trabalho, pois o envelhecimento se apresenta a cada um de uma forma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES JUNIOR, ED. Envelhecimento e vida saudável . Rio de Janeiro : Apicuri, 2009.

BENHAMOU, F. A economia da Cultura. Atelie Editorial, 2007.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007. 11ªed
28

———. e DARBEL, A. O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: Edusp/Zouk, 2003.

BRASIL. LEI Nº 12.343, DE 2 DE DEZEMBRO DE 2010. Institui o Plano Nacional de Cultura - PNC, cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais - SNIIC e dá outras providências. *Diário Oficial da União (DOU)* 03/12/2010. Disponível em <http://www.cultura.gov.br/documents/10907/963783/Lei+12.343++PNC.pdf/e9882c97-f62a-40de-bc74-8dc694fe777a>

_____ Lei Federal nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. *Diário Oficial da União (DOU)*

03/10/2003.

Disponível

em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm

_____. Portaria nº 2.528, de 19 de out de 2006. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro do Estado da Saúde. *Diário Oficial da União*, 19 out de 2006. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/2528%20aprova%20a%20politica%20nacional%20de%20saude%20da%20pessoa%20idosa.pdf>

CARVALHO, C.R.A, REBELLATO, C, NASCIMENTO J.S, CARDOSO, R.A. Perfil sociodemográfico e de saúde de idosos de uma Central de Recepção. Anais do VIII Seminário de Pesquisa em Geriatria e Gerontologia da UNICAMP, 2015.

CASTRO, ARSF. Caminhando em direção ao museu inclusivo: diagnóstico de acessibilidade da exposição “Memórias da Terra” (Museu da Geodiversidade– IGEO/UFRJ) com o mapeamento das intervenções necessárias. 2014. 101f. Monografia em Acessibilidade Cultural - Faculdade de Medicina. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CHIOVATTO, M., AIDAR, G. Pensar a educação inclusiva em museus a partir das experiências da pinacoteca de são paulo. *Museologia e Interdisciplinaridade*. Vol II n 6,p. 135-148, março/abril, Brasília, 2015.

CPIM/DEPMUS/IBRAM. RELATÓRIO FINAL DA PESQUISA O “não público” dos museus: levantamento estatístico sobre o “não-ir” a museus no Distrito Federal. Brasília, 2012.

ERVARTTI, R.L., BORGES, G.M., JARDIM, A.P. Mudança Geográfica no Brasil no Início do Século XXI. Subsídios para projeções da população. *Estudos e análise. Informações sócio econômicas nº 3*, IBGE, Brasília, 2015.

DORNELES, P., LOPES, R., BARROS D.D. Terapia Ocupacional e Cultura. Programa de Pós Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: <https://sites.google.com/site/terapiaocupacionalecultura/>

FREITAS, A. C. Acessibilidade Atitudinal: Formação de profissionais no atendimento a pessoa com deficiência em espaços culturais. 2014. 65f. Monografia em Acessibilidade Cultural - Faculdade de Medicina. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MARCELLINO, N.C,. Estudos do lazer: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 1996.

MCCARTHY, K F.; JINNETT, K. A New Framework for Building Participation in the Arts. Rand Corporation, Califórnia, EUA, 2001. Disponível em http://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR1323. Acesso em 11/03/2016

MINAYO, M. C. de S., 1992. O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo, Rio de Janeiro: HUCITEC, ABRASCO.

OMS/OPAS- Organização Mundial da Saúde- Organização Panamericana de Saúde. Envelhecimento ativo: uma política de saúde / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

TEIXEIRA, S M. Envelhecimento e trabalho no tempo do capital: implicações para a proteção social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

VERAS, R. P. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 548-554, mai./jun.2009.

WALKER, C. ; SCOTT-MELNIK, S. ; SHERWOOD, K. Reggae to Rachmaninoff: How and Why People Participate in Arts and Culture. The Urban Institute, Washington, 29 EUA, Nov. 30, 2002. Disponível em http://www.urban.org/UploadedPDF/310595_ReggaetoRach.pdf

UFRJ- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Centro de Ciências da Saúde. Disponível em: <http://www.ccs.ufrj.br/pt/>.

